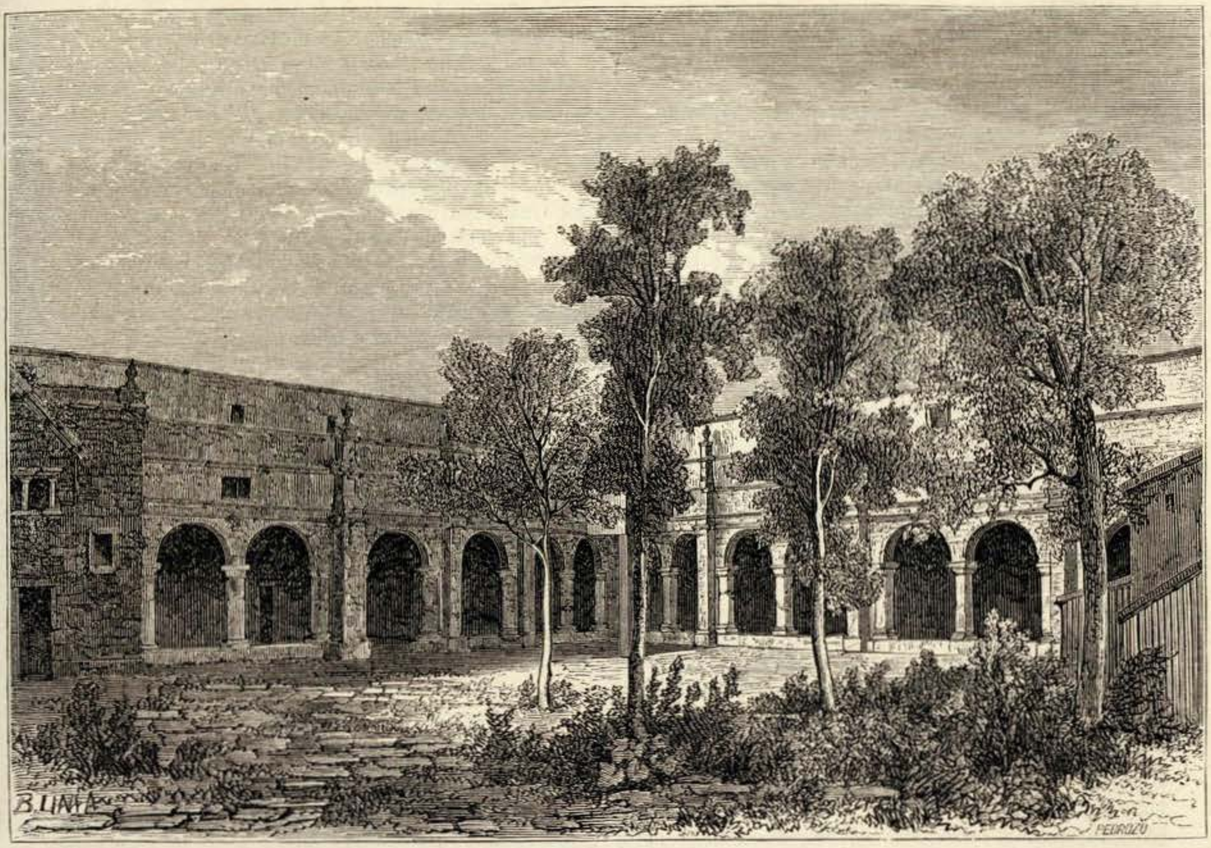


Claustro dos Corvos no convento de Christo em Thomar

THOMAR

CASTELLO DOS TEMPLARIOS E CONVENTO DA ORDEM MILITAR DE CHRISTO

(Vid. pag. 249)

IX

Estabelecimento da ordem de Christo no castello de Castro Marim; successos que determinaram a sua mudança para Thomar; triumphos d'esta milicia n'este periodo.

Posto que a instituição da ordem de cavallaria de Nosso Senhor Jesus Christo fosse celebrada solemnemente em Santarem a 14 de maio de 1320 [1], só no anno seguinte é que se estabeleceu em Castro Marim, em razão das obras a que se procedeu dentro do castello para accommodação dos cavalleiros, para os exercicios do culto divino e serviço da ordem.

Pela bulla da sua instituição foi determinado que se regeria esta ordem pela regra de S. Bento e reformação da de Cister, ficando sujeita á visitação do dom abbade geral do mosteiro de Alcobaça, da dita ordem de Cister ou de S. Bernardo.

Assim que a ordem se instalou em Castro Marim, fez o seu mestre, D. Fr. Gil Martins, a constituição pela qual se havia de reger a nova milicia. Passados cinco annos foi ampliada esta constituição, e no decurso do tempo por varias vezes a reformaram os mestres, segundo as necessidades da epocha, e sempre com a approvação do dom abbade do mosteiro de Alcobaça.

[1] Pretendem alguns auctores que esta ceremonia se effeituára no dia 14 de março.

O habito primitivo dos cavalleiros assimilhava-se, segundo parece, ao de que usava a ordem de Calatrava em Castella, com escapulario branco. Em 1330 accrescentou-se-lhe a cruz vermelha, e no capitulo celebrado em Thomar no anno de 1503, a que presidiu el-rei D. Manuel, foi ordenado o habito na fórma de um manto, branco, que cobria todo o corpo do cavalleiro, de maneira que, para servir-se das mãos, era mister trazel-o arregaçado, só dos lados, sobre os braços. No logar correspondente ao peito tinha o manto uma cruz vermelha, mas só parecida com a dos templarios na côr, não no feitio. A d'estes era composta de quatro braços eguaes, cujas pontas quasi se tocavam, descrevendo um circulo. A cruz dos cavalleiros de Christo tinha então, como hoje tem o distinctivo d'esta ordem, que todos conhecem, dois braços mais curtos que a haste. A cruz vermelha tinha dentro em si outra, fendida, que a alvura do manto fazia branca; e que nas veneras actualmente usadas pelos cavalleiros e commendadores é feita de esmalte branco.

Eram cinco as dignidades da ordem. A de *mestre* era a primeira e principal. Seguia-se-lhe a de *dom prior-mór do convento de Thomar*, que, em conformidade com os estatutos, tinha a seu cargo o governo temporal do convento, e exercia jurisdicção espiritual em todos os membros da ordem em qualquer parte que se achassem. Incumbia-lhe, por morte do mestre, convocar o capitulo geral para a eleição do novo mestre, chamando por cartas os cavalleiros ausentes, e tomando ao novo prelado o juramento de fidelidade e obediencia ao summo pontifice. A terceira digni-

dade era a de *commendador-mór*, ao qual pertencia o governo da ordem quando, por fallecimento do mestre, o dom prior-mór se achava ausente ou enfermo. Nos actos de solemnidade a que assistia o mestre gozava este da preeminencia de ter ou levar diante de si o commendador-mór com um estoque desembainhado ao hombro, pegando-lhe pela ponta. Era *claveiro* a quarta dignidade. Tinha a seu cargo as chaves do convento, a administração e distribuição dos mantimentos, e a fiscalisação da despeza. A quinta dignidade era a de *sacristão-mór*, o qual cuidava de tudo quanto dizia respeito ao serviço de ornamentação do templo, e durante o capitulo tinha em suas mãos os sellos da ordem. *Alferes da ordem de Christo* era, finalmente, a sexta e ultima dignidade. O alferes levava a bandeira da ordem nos actos solemnes em que o mestre comparecia, taes como nas procissões e na guerra, em que esta milicia tomava parte. A bandeira era quadrada, de côr branca, e tinha no centro a cruz vermelha da ordem, na fórma por que acima a descrevemos.

Tomaram posse os cavalleiros de Christo do castello de Castro Marim com o firme proposito, em desempenho do seu instituto, de combater os infieis que dominavam na visinha Andaluzia e nas terras fronteiras d'além-mar. Porém, antes que se lhes proporcionasse occasião de medirem as suas armas com as dos sarracenos, tiveram de se defender em apertado cêrco, e com encarniçada lucta, no seu proprio castello contra hostes christãs.

Casára el-rei de Castella, D. Affonso XI, com a infanta D. Maria, filha do nosso rei D. Affonso IV; porém, rendendo-se logo depois, em desordenada paixão, á formosura de D. Leonor Nunes de Gusmão, esqueceu-se em breve de todos os deveres conjugaes. Incendido cada vez mais n'esses amores escandalosos, com tantos desprezos e affrontas tratava a rainha, que este procedimento deu origem, primeiro, a representações e queixas de seu sogro, el-rei D. Affonso IV, e depois ao rompimento de uma guerra porfiosa.

Rebentou a lucta em differentes pontos da fronteira, de modo que, ao mesmo tempo que as tropas portuguezas entravam triumphantes por uma provincia de Castella, levando tudo a ferro e a fogo, invadiam os castelhanos o nosso paiz por outra parte, devastando quanto encontravam na passagem.

Saíram a opporem-se a uma d'estas invasões, succedidas na provincia do Minho, o arcebispo de Braga, D. Gonçalo Pereira e o bispo do Porto, á frente de pouco numerosa mas valente hoste, e o mestre da ordem de Christo, D. Estevão Gonçalves Leitão, com os seus intrepidos cavalleiros. Foi tão glorioso para as armas portuguezas o resultado da acção; tamanho destroço experimentou o inimigo, perdendo, além das bagagens e de grande numero de prisioneiros, tresentos homens mortos no campo, entre os quaes se contava um dos seus commandantes, D. João Rodrigues de Castro, que o rei de Castella jurou vingar-se dos cavalleiros de Christo, que, pelo seu valor, mais que os outros tinham contribuido para similhante victoria. Foram, portanto, a villa e castello de Castro Marim, como assento da ordem de Christo, o alvo da vingança castelhana.

O inimigo transpoz o Guadiana, atravessou o Algarve, e apresentou-se inesperadamente diante dos muros de Castro Marim. Achava-se a praça mal guarnecida, porque a maior e melhor parte dos cavalleiros andava occupada no extremo opposto do reino a castigar a ousadia do inimigo. Souberam, porém, resistir galhardamente os defensores da praça, auxiliados pelos habitantes da villa, mas este triumpho custou a perda de setenta portuguezes, dos arrabaldes da villa, que os castelhanos levaram prisioneiros, e cento e oitenta que deixaram mortos na praça e fóra d'ella.

Fôra pequena a vingança para os rancores de Affonso XI. Assim tratou sem demora de apromptar mais numeroso e valente exercito, ao qual commetteu a empreza de destruir até aos fundamentos aquelle baluarte de valorosos guerreiros, diante dos quaes recuavam vencidos os leões de Castella.

Reunidas, pois, numerosas tropas, talvez o mais poderoso exercito castelhano que n'aquella campanha transpoz as fronteiras de Portugal [1], o inimigo entrou no Algarve junto á villa de Alcoutim, e, assolando tudo na passagem para que o terror o precedesse e lhe facilitasse os triumphos, marchou rapidamente sobre Castro Marim.

D'esta vez não estava a praça desprevenida; antes, pelo contrario, achava-se perfeitamente apercebida para uma resistencia a todo o transe. O ataque anterior pozera a ordem de Christo de sobre aviso. O mestre D. Estevão Gonçalves Leitão, logo que teve noticia do primeiro accommettimento dos castelhanos, e do modo, vergonhoso para elles, por que um punhado de cavalleiros de Christo lhes fez rosto com tanta gentileza, frustrando-lhes completamente o intento, previu que o orgulho de Castella não tardaria a vir, mais temivel e reforçado, buscar a desforra contra a ordem que o humilhára. Tratou, portanto, de se recolher a Castro Marim com todos os seus cavalleiros; e desde que ahi chegou, não pensou nem lidou em outra coisa, senão em dispôr todos os meios para a defensa da praça.

Quando o inimigo, apenas chegado, investiu com as muralhas da villa, que crêra levar do primeiro assalto, tal era a confiança que tinha no seu grande poder, ficou desconcertado, vendo-se repellido com extraordinaria perda de mortos e feridos. Crescia o seu assombro todas as vezes que empenhava em novo assalto mais vigoroso e decidido esforço; a sorte era sempre a mesma, sempre repellido e desbaratado.

Ao cabo de muitos dias de assedio, e de rijos e successivos combates, vendo baldadas todas as suas tentativas e tanto sangue castelhano derramado inutilmente, levantou cêrco o general inimigo, e lá foi saciar nas povoações indefesas a vingança dos damnos recebidos no campo da batalha em combate leal. O exercito castelhano regressou ao seu paiz depois de ter exercido crueis devastações nos suburbios de Tavira, em Faro, Loulé e outras terras. Todos estes successos se passaram no anno de 1335, em que D. Estevão Gonçalves fôra elevado á dignidade de mestre.

Os perigos por que passára a ordem de Christo, em questões alheias ao seu instituto, durante o curto periodo do seu estabelecimento em Castro Marim; o esforço sobrehumano que foi mister empregar para saír victoriosa, sendo o inimigo tão poderoso e a praça tão fraca, por mal fortificada; a impossibilidade, ou, pelo menos, difficuldade de a tornar tão forte, quanto o pediam a segurança e o decoro de uma corporação que, além de fazer vida da guerra por preceito religioso, lhe cumpria sustentar, em toda a sua altura, a fama gloriosa da ordem de cavallaria de quem era herdeira e representante; todas estas considerações resolveram o mestre D. Estevão Gonçalves a diligenciar a mudança da ordem para logar mais conveniente.

Representou, pois, a el-rei D. Affonso IV, allegando por um lado as razões que aconselhavam esta mudança, e por outro lado as vantagens que offereciam o castello e villa de Thomar, tanto para segurança, como para commodidade e lustre da ordem. A circumstancia de ser um ponto central, e não estar longe de outros castellos tambem pertencentes á ordem de Christo, o que collocava esta em estado de melhor

[1] Alguns auctores, entre elles Faria e Sousa, eleva a doze mil homens a cavallaria, dizendo que a infanteria era na proporção.

poder defender-se a si propria e ao reino, no caso de invasão inimiga; aquella circunstancia, repetimos, foi habilmente explorada pelo mestre. Não annuiu el-rei ao requerimento de D. Estevão, apesar de se compenetrar das razões que lhe serviam de fundamento. Parece que receiou opposição da séde pontificia, estando ainda recentes a catastrophe dos templarios, e as duvidas do papa em instituir uma ordem que fosse herdeira d'aquella, e até certo ponto sua representante.

Perseverando, pois, a ordem de Christo em Castro Marim, não tardou a illustrar-se novamente tomando parte activa e conspicua em uma das mais celebradas victorias das armas portuguezas.

Os moiros de Africa e de Hespanha, sabendo que os reis christãos da peninsula andavam envolvidos em guerras entre si, julgaram ser occasião propicia para avassallar de novo os reinos que os campeões da cruz tinham subtrahido ao seu dominio.

Reunindo em um só corpo todos os homens válidos d'essas differentes monarchias sarracenas, e animando-se com um supremo esforço, dispozeram-se os infieis para dar principio á empreza, invadindo a Castella com um dos mais poderosos exercitos que tem pisado terras da peninsula.

Então é que D. Affonso XI caíu em si, arrependendo-se de ter sacrificado tantas vidas preciosas, e ter malbaratado tanto dinheiro em luctas mais caprichosas que honrosas para a sua coroa e para a nação. Dando de mão, em taes apuros, ao orgulho e aos caprichos, humilhou-se ante a esposa, a quem tanto até então ultrajára, e patenteando-lhe o perigo que ameaçava derrubar o seu throno e reduzir seus vassallos á escravidão, pediu-lhe encarecidamente que fosse em pessoa solicitar del-rei, seu pae, perdão para elle dos aggravos que lhe tinha feito, e soccorro a prol dos seus reinos e da christandade.

A rainha D. Maria, esquecendo-se de um longo passado cheio das mais pungentes affrontas que se podem fazer ao coração de uma esposa, veiu pressurosa a Portugal. Ora procurando persuadir com razões, ora supplicando com lagrimas, logrou mover o animo del-rei D. Affonso IV em favor da pretensão que a trazia aos braços paternaes.

Juntou el-rei á pressa as suas tropas, e, collocando-se á frente d'ellas, poz-se a caminho de Sevilha, a reunir-se com o exercito castelhano, que era commandado pelo rei D. Affonso XI. Pouco depois, encontraram-se os exercitos christãos com os infieis. Travou-se o combate proximo do Salado, rio que corre na Andaluzia, entre as cidades de Sevilha e Granada. Era desegual a força dos combatentes, pois que as tropas musulmanas excediam muito em numero as christãs. Mas com tal ardor e enthusiasmo se precipitaram estas sobre o inimigo, que, rompendo-lhe as fileiras, envolvendo-as e desordenando-as, viram alfim o seu arrojo coroado pelas palmas da victoria (28 de outubro de 1340).

Fugiram os sarracenos, deixando no campo muitos milhares de mortos e prisioneiros, contando-se entre estes um principe; e no seu arraval, que todo caiu em poder dos vencedores, um riquissimo despojo, de que o nosso rei D. Affonso IV não quiz para si mais que algumas bandeiras, que mandou collocar na sé de Lisboa, e uma trombeta, que depois da sua morte foi posta sobre o seu tumulo, na capella-mór da mesma egreja [1].

Tiveram os portuguezes a mais gloriosa parte n'este memoravel triumpho; e d'entre as hostes de Portugal a que mais se estremou em acções de valor e coragem, foi a dos cavalleiros de Christo, capitaneada pelo seu 4.° mestre, D. Estevão Gonçalves Leitão.

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.

[1] Vid. pag. 207 do vol. VI.

O PRESTES JOÃO DAS INDIAS

(Conclusão. Vid. pag. 279)

IV

A rainha estava quasi decidida a casar-se com um christão; mas, receiosa de que logo houvesse murmurações ácerca de ter procedido ou não com leviandade, determinou fazer nova experiencia. Esta experiencia consistia em que cada uma das tres religiões havia de celebrar na sua real presença uma das ceremonias mais importantes.

Christãos, mahometanos e judeus acceitaram gostosos a proposta de sua magestade, e a rainha fixou o dia para as ceremonias, que deviam verificar-se na mesma sala onde se discutíra a qual das tres religiões a mulher devia mais.

Os primeiros que appareceram em campo foram os mahometanos, que disseram iam fazer a Salama.

A rainha tinha grande curiosidade de presenciar esta ceremonia, que julgava seria magnifica e a ia divertir muito; porém ficou mais fria que o marmore quando viu que a tal Salama consistia unicamente em cruzar as mãos no peito e fazer reverencias e mais reverencias.

— Quão engraçados são estes morabitas! disse a rainha, rindo a bom rir, e em seguida ordenou que entrassem os judeus para ver o que praticavam.

O grão-rabino, com o chapeu encaixado até ás orelhas, como todos os seus correligionarios, tirou um livro e immediatamente todos os judeus appareceram com o seu livro nas mãos. Os taes livros deviam de ser muito santos, mas estavam tão gordurentos que precisavam de correias para os suster. O rabino começou a cantar um psalmo e todos os judeus fizeram dois quartos do mesmo; mas cantavam tão desafinados e davam tão intoleraveis gritos, que a rainha não teve outro remedio senão tapar os ouvidos e mandar a toda a pressa que cessasse tão infernal algaravia.

Cessou, com effeito, e os christãos se dispozeram a celebrar o santo sacrificio da missa, para o qual o Prestes João tinha tudo perfeitamente disposto. Puzeram na sala um altar precioso, accenderam uma porção de velas que faziam muito bom effeito, collocaram o orgão em um canto que tinha boas condições acusticas, vieram os cantores que tinham de officiar a missa, e que, como já disse, eram os melhores de Roma; e em seguida o Prestes João appareceu para dizer a missa, magnificamente revestido como os dois sacerdotes que o acompanhavam. A missa foi solemnissima, e assim os celebrantes como o organista e os cantores fizeram coisas do arco iris, que tiveram como embasbacados a rainha e os seus cortezãos, tanto que, ao concluir, a propria rainha gritou:

— Repitam! repitam!

Assim os mahometanos como os judeus olharam-se uns para os outros dizendo baixinho:

— Amigo, estes perros christãos puzeram-nos o pé adiante em tudo e por tudo!

E em verdade, não se enganavam, porque a rainha chamou pouco depois o Prestes João e disse-lhe:

— Decididamente caso-me com um christão.

— Agradeço a vossa magestade tal honra, respondeu o Prestes João, cheio de santa alegria. Agora só falta que vossa magestade escolha o christão mais digno de occupar o thalamo de tão grande e magnanima princeza.

— Já o escolhi, disse a princeza, córando como uma rosa.

— E quem é o feliz mortal?

— Tu.

— Eu!... Está vossa magestade zombando?

— Que!... Duvidas do que digo?

— Não, senhora; mas não sabe vossa magestade

que eu sou sacerdote, e os sacerdotes catholicos não podêmos casar-nos?

— Que me dizes, homem!

— O que vossa magestade ouviu.

— Pois, meu amigo, partiste-me o coração de meio a meio!

— Porque?

— Porque estou namorada de ti, e se não me casar comtigo não me casarei com outra pessoa.

— Mas, senhora, entre os meus correligionarios ha muitissimos rapazes melhores que eu.

— Digo-te que não gosto de nenhum, porque só tu me agradas.

— Sinto-o devéras; porém eu não me posso casar.

— Pois então não terei outro remedio senão casar-me com algum d'esses moiros. É verdade que ha entre elles moços muito gentis e sympathicos, mas a sua religião agrada-me pouco.

Quando o Prestes João ouviu isto, tremeu dos pés á cabeça, pensando, com razão, que se a rainha se casasse com um mahometano, todas as Indias, povoadas por milhões de milhões de pessoas, abraçariam a seita de Mafoma; e que se se casasse com um christão, todas aquellas pessoas abraçariam a religião de Christo.

— Senhora, disse á rainha, póde ser que consigamos arranjar tudo. O papa, que é o vigario de Christo na terra, é o unico que póde auctorisar-me para casar com vossa magestade. Vou escrever-lhe, pois, sem perda de tempo, a fim de pedir-lhe a auctorisação.

— Felicissima idéa! disse a rainha, brilhando-lhe os olhos de singular alegria. Bem se vê que tens muito talento...

O Prestes João fez o que disse; escreveu ao papa, contando-lhe com a mais escrupulosa minuciosidade o que se passava, e á volta do correio recebeu de sua santidade a dispensa para se casar com a rainha das Indias.

As bodas celebraram-se pouco tempo depois com grandes festas e regozijos, já se sabe depois da rainha se fazer christã; e tambem alguns annos depois haviam recebido o baptismo todos aquelles milhões de milhões de indios, contra os quaes em nossos dias os inglezes assestaram a sua artilheria.

Esta é a historia do Prestes João das Indias.

Outros a contarão mais engraçadamente que eu; mas, com melhor intenção, nenhum.

CAVALLO SELVAGEM

«A mais bella conquista que o homem tem feito é a d'esse animal, altivo e fogoso, que participa das suas fadigas na guerra e da sua gloria nos combates. Tão intrepido como o seu senhor, o cavallo vê o perigo e affronta-o. Afaz-se ao estridor das armas, affeiçoa-se-lhe, procura-o e anima-se, ouvindo-o com o mesmo ardor. É egualmente companheiro do homem em muitos dos seus prazeres: nas caçadas, nos torneios, nas corridas, folga, enthusiasma-se, brilha e parece scintillar; mas, tão docil quão corajoso, não se deixa arrebatar do seu ardor; sabe, pelo contrario, reprimir os seus impetos. Não sómente se dobra e cede sob a mão que o guia, mas até parece consultar-lhe os desejos; e, cedendo sempre aos signaes que d'ella recebe, corre ou modera-se, precipita-se e pára de improviso, como quem obra só para satisfazer esse poder. É uma creatura que renuncia ao seu proprio ser para que a sua existencia fique sujeita á vontade de outrem; que até sabe prevenir essa vontade, exprimindo-a e executando-a pela promptidão e acerto dos seus movimentos. É uma creatura que sente tanto quanto se deseja que ella sinta; que trabalha quanto d'ella se exige; que entregando-se sem condições ao seu senhor, não se recusa a coisa alguma, serve com todas as suas forças, vae muitas vezes além do que ellas lhe permittem, e chega até a succumbir e morrer, levado da cegueira da obediencia.»

Eis o retrato que faz do cavallo o celebre naturalista Buffon. Pois esse nobre animal, cuja indole e instinctos ahi ficam desenhados com tão vivas e brilhantes côres; essa creatura esbelta, formosa, cheia de vivacidade e de altivez, provém d'esse quadrupede, que se vê representado em a nossa gravura, desengraçado nas formas, brutal no aspecto, feroz nos habitos, sem nobreza no porte, sem o minimo dote da formosura.

As numerosas raças de cavallos, espalhadas por todas as regiões do globo, descendem, pois, da mesma especie; todas provém do cavallo selvagem, nascido nos desertos do centro da Asia.

Será bem difficil, se não impossivel, declarar a epocha em que o homem começou a domesticar o cavallo. Mas, se não se póde duvidar de que essa primeira tentativa data da mais remota antiguidade, tambem não é menos certo que o seu aperfeiçoamento se realisou longos tempos depois.

Á maneira que o homem se civilisava, ia reconhecendo o prestimo do cavallo e as immensas vantagens que lhe offerecia, e tambem ia aprendendo o modo de o habilitar a bem o servir. Assim como a civilisação tem aperfeiçoado a humanidade, tambem se applicou a ennobrecer, até certo ponto, o cavallo, desenvolvendo-lhe os dotes, aperfeiçoando-lhe as disposições naturaes, melhorando, aformoseando e variando as fórmas d'este animal.

Ainda antes que os progressos da civilisação fizessem da criação e educação do cavallo um ramo da sciencia, já o homem tinha nobilitado e tornado altivo e esbelto este animal, fazendo d'elle um companheiro e um instrumento das suas emprezas guerreiras, dos seus divertimentos fastosos, e dos seus mais nobres trabalhos.

Foi d'est'arte á força de estimulos, que lhe excitavam o brio, e de desvelos que lhe modificavam as condições naturaes, que o cavallo, na sua passagem do estado selvagem para o domestico, trocou pouco a pouco a grosseria das formas, a fealdade do aspecto, e a bravura da indole pelo garbo, belleza, docilidade e intelligencia que todos reconhecem no cavallo.

Dizem que é raro encontrar-se actualmente o typo genuino do cavallo selvagem, tal qual a nossa gravura o representa, pela razão de que essa raça primitiva se acha ao presente, e já ha muito tempo, cruzada com cavallos que, tendo sido criados e educados na domesticidade, fugiram da escravidão, e foram procurar a liberdade nos sertões, e a sociedade entre as manadas que vivem errantes nos desertos.

Dissemos que a primitiva raça de cavallos tem por terra natalicia os desertos da Asia central. Por conseguinte, d'alli foram levados os primeiros cavallos para todas as regiões do globo, que hoje vemos tão povoadas de differentes raças d'este animal. Os que vivem em estado selvagem, fóra da Asia, como acontece entre outras regiões, na America do sul, descendem de cavallos domesticados, que abandonaram o homem para viverem livres nos logares desertos [1]. Esses, portanto, differem muito do primitivo cavallo selvagem, pois que são provenientes de uma raça aperfeiçoada pela arte humana, embora tenham degenerado por effeito da vida vagabunda.

Os cavallos selvagens da Asia, que são aquelles de que nos occupâmos, vivem em grandes manadas. Ás vezes, porém, separam-se, vagando aos vinte e trinta. Mas, logo que é chegada a epocha de mudarem de

[1] Os cavallos foram introduzidos na America pelos hespanhoes e pelos portuguezes, logo depois do seu descobrimento.

paiz, isto é, assim que os calores do estio lhes fazem appetecidas as regiões mais frescas do norte, ou quando os rigores do inverno os obrigam a procurarem um clima mais temperado nos paizes do sul, reunem-se todos os bandos dispersos para emprehenderem unidos a sua viagem.

O perigo commum tambem os faz reunir, porque o instincto os adverte, como a razão ao homem, de que a união faz a força. Os lobos e os homens são os seus implacaveis inimigos. D'elles lhes vem todos os perigos. Os primeiros, quando a fome os incita e impelle para as campinas visinhas das mattas em que vivem, é, commummente, nos cavallos selvagens, que procuram sacial-a. Os segundos fazem-lhes mais cruel e assidua guerra, ora para os subjugar e reduzir á escravidão, ora para os matar e lhes comerem a carne.

Os desertos em que estes animaes habitam são as coudelarias ou as feiras, onde se vão fornecer de cavallos os povos nomadas e guerreiros da Asia central, das margens do mar Negro e do mar Caspio. É d'ahi que os cossacos, os kalmukos, os kirghiz e os mongols vão escolher os corceis, que, depois de submettidos ao seu poder, os servem e conduzem nas suas emprezas aventurosas. Matam-os a tiro, ou com frechas, ou com lanças, quando os querem apenas para lhes comerem a carne e se aproveitarem do coiro. Mas quando os pretendem para cavallaria caçam-n'os por meio de um laço, formado por uma comprida corda, que lhes atiram com summa destreza, como se pratica na America; e poucos dias lhes bastam para tornar perfeitamente doceis esses indomitos animaes.

Entretanto, todos esses povos asiaticos, que tanto gostam da carne do cavallo, e que para se proverem d'ella emprehendem longinquas e penosas viagens, não são capazes de matar um cavallo domesticado, a não



Cavallo selvagem

ser na ultima extremidade da fome. Tal é a affeição que dedicam a esses leaes servidores. E, com effeito, esses povos de indole feroz e de costumes grosseiros tratam os cavallos com muito carinho e doçura. E n'isto está o segredo, sem dúvida, da promptidão com que os domesticam. Vêem no cavallo, do mesmo modo que os arabes, mais um amigo que um escravo. Passando a maior parte da sua vida a cavalgar ou a pensar o corsel, querem-lhe e consideram-o quasi como a um membro da sua familia.

O cavallo selvagem dos desertos da Asia é pequeno e mal proporcionado. Tem a cabeça grande, o pescoço curto e grosso, as pernas delgadas, mas parecendo grossas em razão do comprimento do pello. Este é, em todo o corpo do animal, tão longo, crespo e sem lustre, que mais se assimilha a lã que a cabello. A côr varía, sendo em uns castanha, em outros preta, russa ou branca. Assim, aquelle conjuncto de qualidades desagradaveis fórma um todo desengraçado, pesado, tosco, sem dote algum de belleza. I. de Vilhena Barbosa.

Não acompanhes com pessoas de maus costumes, pois embora não venhas a perder a honra, perderás seguramente o credito no publico e a estima da boa sociedade.

AS PUPILLAS DO SENHOR REITOR

(por Julio Diniz)

No seculo passado a litteratura franceza, corroída pelo grande vicio das litteraturas decrepitas, a affectação caminhava por um rapido pendor para o sepulchro das futilidades, onde desapparecia, tendo como epitaphio os periodos dogmaticos de La Harpe, em quanto a sociedade se engolphava no abysmo sangrento da republica. Mas como as sociedades não morrem, antes encontram na sua mesma dissolução os elementos regeneradores, a litteratura não succumbe, e quando parece que o espirito humano, fatigado, não póde encontrar mais a inspiração juvenil, a que deve as obras primas que illustram os seculos aureos, encontra-se de subito, por baixo das cinzas frias que enchem a apagada pyra da poesia, uma centelha vívida, d'onde irrompe mais vehemente e mais luminosa a sacra chamma; entre o concerto de vozes enrouquecidas que se requebram em affectadas e insulsas *fioriturі*, ouve-se de repente uma voz pura que entôa a nota clara e sonora que vae acordar no coração dos homens as fibras dormentes e despertar-lhes a apagada sensibilidade. Foi o que succedeu então. No meio dos romances vergonhosos que maculam mesmo essa epocha, onde

difficilmente se distingue uma nodoa mais viva; no meio das *marivaudages* fastidiosas, das pastoraes insipidas que se modelavam pelos zagaes e zagalas de mr. de Florian, das frias declamações de um sentimentalismo falso, que, copiando todos os defeitos de Rousseau, não lhe podiam copiar as belleza, porque essas são inherentes ao genio mesmo quando se extravia, appareceu um livro que se chamava *Paulo e Virginia*. Era um idyllio e um drama, todo singeleza, todo suavidade, onde a arte só procurava esconder-se, mas onde a inspiração do poeta, depois de se ter immergido no seio fecundo da natureza, rescendia em cada pagina as encantadas fragrancias da primavera e do amor, essa outra primavera do coração humano.

Na epocha em que o romantismo triumphante, depois de ter produzido obras primas immortaes, se entregava aos excessos que acompanham as reacções e se mergulhava no abysmo dos paradoxos declamatorios, dos longos romances em que os nefandos crimes se succediam a cada pagina, entremeando-se com as mais absurdas theorias e com as mais atrozes inverosimilhanças; quando o estudo das paixões e dos caracteres cedia o campo ao engenhar das peripecias; quando os escriptores procuravam actuar sobre os instinctos menos nobres do coração humano, em vez de agitarem os sentimentos elevados que se conservam no fundo da nossa alma, particulas da essencia divina, como n'um fundo de um lago onde tambem ha saes e lodo, o tremulo reflexo das estrellas do firmamento; quando, em fim, a litteratura franceza entregava aos freneticos applausos do mundo inteiro a *Lelia* de Jorge Sand, essa emphatica declamação cujos paradoxos prejudiciaes mal se disfarçam no brilhantismo do estilo que os envolve, os *Mysterios de Paris* de Eugenio Sue, essa fria concepção de um espirito systematicamente extravagante, e as *Memorias do diabo* de Frederico Soulié, pesadelo atroz de um grande talento cujo estado normal era uma especie de febre de sangue; quando essa litteratura estava sendo devorada pela mesma doença que fizera succumbir a litteratura do seculo XVIII, a affectação debaixo de outra fórma, contorcendo-se em visagens de condemnado, em vez de imitar sorrisos, meneando estiletes em vez de empunhar cajados pastoris ornados de fitas côr de rosa, mas sempre affectação, appareceram alguns talentos juvenis e ridentes que foram banhar-se nas aguas puras da fonte em que Bernardin de Saint-Pierre encontrára a doce imagem de Virginia, e voltaram com primores de singeleza e de inspiração que hão de sobreviver a todas as grandes machinas de que foi tão prodiga a litteratura franceza. Esses primores eram a *Petit comtesse* de Octavio Feuillet, a *Maison de Penarvan* de Julio Sandeau, e tambem o *Amaury* de Dumas, o *André* de Jorge Sand, joias inimitaveis que redimem bastantes façanhudos crimes litterarios dos mesmos escriptores, e muitos outros deliciosos livrinhos em que os grandes talentos da França encerraram o oiro mais puro da sua inspiração.

Nós hoje estamos atravessando tambem uma crise similhante, e os talentos que despontam na nossa patria parecem vir já corroidos por uma lepra original, que os não deixa expandirem-se livremente ao sol claro e puro do nosso firmamento. A affectação, a turgescencia, o pedantismo, e, o que é peior ainda, a imitação pouco sensata dos modelos estrangeiros menos imitaveis, dão a esta nascente litteratura todos os symptomas de uma decrepidez precoce. Nos escriptos dos talentosos moços que se estreiam, debalde se procura um grito que parta do coração, uma idéa que brotasse espontaneamente, como flor da madrugada, no seu espirito illuminado pelo sol do enthusiasmo; em vez d'isso encontram-se apenas phrases pomposas, pensamentos que foram atirados á circulação por escriptores francezes que tem modernamente procurado a popularidade n'uma certa extravagancia que por cá se aprecia muito. Espiritos juvenis, mas falseados por uma leitura sem discernimento, acceitam como oiro de lei essa moeda falsa, e devolvem-n'a ao publico apenas galvanisada por um estilo cujo esplendor ficticio póde deslumbrar um instante aquelles que não fazem differença entre o scintillar das lentejoilas e o refulgir dos diamantes.

Felizmente, ha tambem entre esses escriptores que entram agora na liça alguns espiritos vigorosos e sensatos que se não deixam seduzir pelas tentações do extravagante, e que vão procurar á simplicidade nobre, á inspiração verdadeira e casta, á natureza, em fim, o segredo das obras primas, a magica vara com que se doma a indifferença do publico, despertando no leitor mais rebelde a commoção inesperada. Um d'esses altos espiritos é o do romancista que escreveu, debaixo do pseudonymo de Julio Diniz, as *Pupillas do senhor reitor*, um dos mais formosos livros de que se deve ufanar a litteratura portugueza.

Não julguem exaggerado o elogio, com toda a sinceridade o affirmo; conheço poucos romances nossos que se possam pôr a par d'este precioso livro, que nos vem do Porto, revelando-nos de subito um dos talentos mais elevados da nossa patria.

Qual é então o grande predicado d'esse romance? qual é o dote principal que justifica este elogio? Oh! Deus meu! um dote bem modesto, para o qual devem olhar com supremo desdem os nossos Victor Hugos embryonarios... a simplicidade, o mesmo predicado para assim dizermos impalpavel, o mesmo tenue encanto que é em *Paulo e Virginia* o levissimo frouxel da sua juventude immortal. Quaes são as grandes molas que o sr. Julio Diniz poz em movimento para nos inspirar o supremo interesse que nos captiva da primeira á ultima pagina do seu livro? Oh! duas apenas, e bem triviaes: a natureza e o coração humano. É tão pouco... pois é tudo.

Eu já disse em alguma parte que ha uma coisa ainda mais difficil do que ser bom actor, é ser mau actor. Referia-me, já se vê, a quem tivesse um talento verdadeiro. Effectivamente, o mau actor declama, fatiga-se, tressua, para no fim de contas encontrar uma intonação falsa e um gesto absurdo; o bom actor... *diz*... toma posse do papel, identifica-se com elle, e deixa irromperem-lhe do coração os gritos verdadeiros que a dor, o jubilo, a angustia, a surpreza lhe arrancam, deixa que lhe transluza no olhar o reflexo da chamma interior. Posso dizer o mesmo dos grandes talentos litterarios; escrever obras primas é-lhes muito mais facil do que escrever essas extravagancias que nos penalisam quando as vemos assignadas por um nome justamente illustre. Pois Victor Hugo nas *Contemplações* não faz esforços prodigiosos para carregar as tintas negras nas poesias formidaveis em que tenta descrever os grandes padecimentos moraes; as imagens accumulam-se, ultrajando frequentes vezes o bom senso, fervem as antitheses, as palavras sonoras, *ronflent*, como elle diria, estiradas n'um leito de hyperboles, e o leitor, fatigado, pára a meio caminho d'essas longas declamações. Pois n'esse mesmo livro, onde se encontram estes clamores emphaticos, ouve-se de repente uma simples nota dolorosa, um gemido do alaúde vibrando no silencio augusto da noite, e repercutindo-se ao longe, grave e triste, como o suspiro de um espirito nocturno, e essa nota simples e pungente, que os dedos distrahidos do poeta arrancaram das fibras dormentes do melancolico instrumento, arraza-nos subitamente os olhos de lagrimas. É uma estrophe em que lamenta a morte da filha, é um desafogo do coração profundamente commovido que se formulou em versos melodiosos. Pois isso vale mais do que os gritos apocalypticos da sua musa violentada. É simples e é sublime. O que não tem produzido aquelle

vasto genio desde que se arrojou ás alturas inaccessiveis onde o admirâmos ainda, mas donde o não seguimos já? Que poemas gigantes, que titanicas concepções tem accumulado! Fica-se absorto diante d'esse monumento esplendido que elle tem elevado até aos ceos, torre babelica onde não falta mesmo bastantes vezes a confusão das linguas, mas quando encontrará elle de novo a sublime inspiração que lhe dictou aquella *Prière pour tous*, que eu leio e releio sempre, e que sempre me commove profundamente, e que sempre me rodeia como que de um véo de angelica melodia? Não quero dizer que elle modernamente não tenha feito obras primas, que a sua *Légende des siècles* não seja um portentoso poema; porém se eu, perante os livros da sua velhice, admiro o homem que soube architectar estes colossos resplandecentes, perante as poesias da sua mocidade não admiro, penso e sinto... Ao contemplar as pyramides quem não pasma do genio do homem, mas quem ha tambem que não se volte extasiado se de subito respira o doce aroma da violeta escondida? Vaga fragrancia, perfume tenue que fluctuas nas azas da brisa, tu é que és a poesia!

O livro do sr. Julio Diniz é, como elle mesmo o intitula, uma simples *chronica de aldeia*. Cuidam que foi procurar peripecias estranhas, caracteres excepcionaes: cuidam que ao menos deu ao estilo um esplendor deslumbrante, que inundou de tintas maravilhosas a téla do seu quadro? Nada d'isso. A aldeia é uma pobre aldeia do norte, singela e humilde, com as suas aguas murmurantes, os seus campos que verdejam ao sol, os seus loiros trigaes no estio. O reitor... Quem suppõem que é o reitor? Um d'estes padres evangelicos que fazem discursos por ahi além, e que andam sempre graves e prégadores? a quem a gente da terra dá o nome de santo, e que teve lá na sua vida passada um drama tenebroso, de que se dá conta junto do leito de um moribundo recalcitrante? Nada, é um bom padre, sem preconceitos, conversando em linguagem chã com os seus freguezes, dando-lhes conselhos quando elles lh'os pedem, e soccorrendo-os mesmo sem elles lh'o pedirem, rindo-se das pilerias do medico, e praticando actos de suprema caridade, e protegendo sem phraseado os que precisam do seu amparo. Em torno d'esse vulto as pupillas, uma séria e santa, toda abnegação e sacrificio, outra um pouco estouvada, criança mimosa, boa, honesta, alegre e expansiva; depois vem o medico da aldeia, o velho João Semana, mais recheado de anecdotas do que de receitas, levando sem se queixar uma vida afadigada, e tendo de sciencia quanto baste para os curativos de cada dia, excellente homem, typo verdadeiramente magistral pela suprema verdade com que é pintado; depois os camponezes, o tendeiro João da Esquina, o fazendeiro José das Dornas, e os dois filhos, e o Daniel, rapaz de cabeça que se lança aos estudos, o que não impede de ser um estouvado, e de coração aberto e franco, e mesmo tão aberto que os amores entram em tumulto por alli dentro; mas tudo isto são typos que o leitor conhece, se conhece a aldeia, typos que tem vida e animação, e não retratos photographicos, typos que se movem, que sentem, e que nós vemos e sentimos, agrupam-se em torno de nós serios ou risonhos, como uma familia ideal cujos habitos conhecemos, cujas particularidades adivinhâmos, e que desde o momento em que entraram na nossa memoria nunca mais a abandonam.

Pois não é tão simples isto, tão nosso, tão caseiro? Quem não tem lá, na sua longinqua infancia ou n'uma aberta da sua vida vertiginosa, a vaga imagem de uma aldeia assim? Quem não viu uma vez, ao pôr do sol, quando se espraiam as sombras pelos campos, passeiar scismador, grave ou ridente, o vulto semi-curvado do padre bom e santo? Quem não sentiu já uma vez pelo menos o chouto da mulinha do honrado João Semana? Quem não divisou, na volta do trabalho, o vulto airoso de Clara, atravessando a azinhaga de cantaro á cabeça, e entoando por desfastio uma d'essas melancolicas canções populares, em quanto se esfumam no horisonte os cabeços da serra, e se ouve lá muito além o gemer de um carro, e o mugido do boi que torna ao curral, e o tilintir das campainhas das ovelhas, e o grito distante do pastor? E a noite já vem proxima, e da choça humilde sae o fumo da ceia frugal, e a Ave-Maria espalha nas campinas a sua nota grave e meiga, e o canto monotono dos ralos vibra entre as searas, e o silencio augusto do crepusculo, a que dão mais melancolico realce estes vagos rumores, sacode o seu véo de inspiração sobre a fronte do poeta, cujos passos abafados resôam no pisar das folhas sêccas que juncam a estrada, e esta commoção suave impregna-lhe o espirito, e as memorias da infancia esvoaçam em torno d'elle, avesinhas brancas da noite, e o seu talento, olvidando as affectações escholasticas de uma litteratura senil, banhando-se nas limpidas aguas de uma inspiração verdadeira, exhala a sua fragrancia nativa, e é n'uma d'essas horas de revelação, para assim dizermos, que se escreve o *Parocho de aldeia*, quando se é Herculano; que se escrevem as *Pupillas do senhor reitor*, quando se possue o talento que Julio Diniz revela.

E alli não ha a preoccupação de realista, não ha a preoccupação da cópia, e é por isso que não saem as figuras rigidas, são ellas mesmas que tumultuam diante dos olhos do desenhador, que lhes segue indolentemente com o lapis os contornos. É a visão interior que toma corpo e fórma, é a reminiscencia risonha que vae agrupando as scenas, dando-lhes a tocante poesia ou a feição comica que adquirem passando pelo chrisol da imaginação do poeta. E como elle as vê lá no seu espelho intimo tambem o leitor as divisa, e sente a impressão que sentiria ao contemplal-as na realidade. É porque o poeta tem a arte suprema de esconder a arte, e a leitura do seu livro assimilha-se então a uma palestra despreoccupada entre dois amigos da infancia que recordam os passados episodios da sua vida, e á medida que um os vae lembrando, o outro vae sentindo reviverem-lhe as memorias, as linhas meio apagadas d'esses quadros que se reconstruem, que se reanimam, e é com jubilo indizivel que se diz: «Bem me lembra» e o panorama olvidado passa por diante de nós todo resplandente e colorido.

É essa a impressão que produz a leitura das *Pupillas do senhor reitor*. Ha uma scena secundaria, mas que eu acho deliciosa por alli se me revelar esta suprema observação, disfarçando-se tão bem e manifestando-se tão graciosamente em Daniel, medico vindo do Porto, que não sabe como ha de matar o tempo n'uma longa tarde de aldeia. Supremamente enfastiado, lê os poucos folhetos parvos que se lhe deparam, depois, cada vez mais aborrecido, entrega-se aos mais pueris divertimentos, afugenta um gato que está n'um muro fronteiro, dardejando sobre elle os raios do sol reflectidos n'um espelho, persegue com uma migalha de pão uma inoffensiva formiga, depois deita-se em cima da cama, e principia a observar um ponto negro que fica na parede e a fazer considerações mentaes sobre a natureza d'esse ponto, e, fatigado de não poder perceber o que é, levanta-se e vae vel-o de perto. Era uma borboleta escura. Toca-lhe nas azas, a borboleta foge, etc. Esta scena, contada com a mais original gravidade é deliciosa de *laissez-aller*, consintam-me a palavra.

Não direi que as *Pupillas do senhor reitor*, não tem defeitos; é possivel que a singeleza do estilo descáia uma ou outra vez em prosaismo, que haja uma ou outra inverosimilhança, mas essas pequenissimas nodoas, que não tenho animo de notar, não escurecem

a belleza do livro, que liga ao verdadeiro interesse do drama, á magnifica pintura de caracteres esta simplicidade nobre e commovente, que é, em quanto a mim, o supremo ideal das obras de arte.

Está alli um dos maiores talentos da nova geração; outro qualquer em presença d'esta brilhantissima estreia, aconselharia o auctor a produzir bastante; eu pedir-lhe-hei pelo contrario que não escreva muito, mas que nos dê de quando em quando obras primas como esta. Deixe a gloria ficticia da fecundidade a quem commette a imprudencia em Portugal de se amarrar de pés e mãos a esta galé que se chama litteratura.

M. PINHEIRO CHAGAS.

ESCRUPULO E RIGOR DOS ANTIGOS ROMANOS EM PONTOS DE LINGUAGEM

Tiro Tullios, liberto de Cicero, refere que estando Pompeu prestes a inaugurar o templo da Victoria, quiz mandar pôr-lhe uma inscripção que contivesse o nome d'elle Pompeu, e mencionasse as honras e os titulos que havia recebido. Era, por este motivo, indispensavel declarar que Pompeu tinha sido tres vezes consul; suscitou-se, porém, dúvida sobre se devia dizer-se *tertium* ou *tertio consul;* querendo uns que se dissesse *tertium*, e outros *tertio.*

Desejando Pompeu desatar a difficuldade, pediu a Cicero que mandasse gravar na inscripção o termo que julgasse preferivel. Mas Cicero, que tinha um tanto de diplomatico e queria ficar bem com os sustentadores das duas opiniões oppostas, aconselhou a Pompeu que não pozessem *tertium* nem *tertio*, mas parassem no segundo *t*, pondo *tert.;* e assim se fez.

Quando, mais tarde, foi reconstruido o templo, adoptou-se ainda um novo modo de vencer a primitiva difficuldade: gravaram tres linhas verticaes (III) em vez de pôrem *tert.*

A questão que deixámos apontada parece-nos hoje quasi ridicula; e, comtudo, tinha uma certa importancia na lingua latina, tão difficil, ainda para os que a fallavam desde o nascimento. E a prova d'esta difficuldade está em que, segundo o testamento de Varrão, tinham sido compostos um grande numero de tratados sobre as declinações dos nomes e conjugações dos verbos. O proprio Cesar escreveu dois livros sobre a *analogia;* Plinio compoz um tratado sobre as locuções duvidosas. A grammatica era entre os romanos um estudo muito serio, e para o ensino de tal disciplina havia numerosas escholas, methodos diversos. Sobre a orthographia eram diversos e muito disputados os systemas; querendo uns que ella fosse regulada pela etymologia, e outros (no numero dos quaes se distinguiu o imperador Augusto) que fosse a imagem fiel da pronunciação.

O tecido da lingua latina era bastantemente complicado, e aos proprios nacionaes offerecia alguma difficuldade; d'aqui vem que Augusto se esforçou por substituir á elegancia das fórmas latinas, um tanto embaraçosas, a marcha mais simples e facil das construcções modernas: *Præcipuam curam duxit, sensum animi quàm apertissime exprimere*, como diz Suetonio [1].

Voltando á primeira questão do *tertium* ou *tertio*, tomaremos nota do que nos refere Aulu-Gellio. Diz elle que um amigo o consultára sobre a mesma questão, e que elle Aulu-Gellio lhe respondêra com as seguintes expressões de F. Varrão no livro das *Disciplinas.*

Aliud est quarto *prætorem fieri et* quartum: *quod* quarto *locum adsignificat ac tres ante factos:* quartum *tempus adsignificat et ter ante factum Igitur. Ennius recte, quod scripsit:*

Quintus pater quartum fit consul

Como se Varrão dissesse: «Uma coisa é ser feito Pretor *quarto*, em quarto logar, e outra *quartum*, pela quarta vez. *Quarto* designa a ordem, e significa que tres outros haviam já sido nomeados; *quartum* marca o tempo, e significa que uma pessoa tinha sido nomeada já tres vezes. Disse portanto bem o poeta Ennio: *Quinto, o pae, foi nomeado consul pela quarta vez, quartum* [1]».

É muito notavel o que nos refere Suetonio a respeito de Tiberio, no tocante ao rigor e escrupulo, com que exprimia os seus pensamentos no senado, e ao cuidado que punha em zelar a lingua latina, querendo que esta não cedesse o passo á lingua grega. Eis aqui, em linguagem, o que diz o historiador dos doze Cesares:

«Com quanto Tiberio fallasse com facilidade a lingua grega, nem sempre, nem em todas as occasiões fazia uso d'ella. No senado, principalmente, se absteve Tiberio de empregar vocabulos gregos; e uma vez, querendo proferir a palavra *monopolium*, pediu primeiramente licença para se servir de um termo estrangeiro. Em outra occasião, ao lerem diante d'elle um decreto dos senadores, no qual haviam estes empregado a palavra grega *emblema*, deliberadamente exprimiu o parecer de que devia ser eliminado aquelle vocabulo, e substituido por outro latino, ou então, se o não encontrassem, recorressem muito embora a uma circumlocução. Prohibiu a um soldado, a quem exigiam em grego o seu depoimento, que respondesse em outro idioma, que não fosse o latino [2].»

Percorrei o livro III do bellissimo tratado de Cicero *De oratore*, e vêde o escrupuloso empenho que o immortal orador-philosopho põe na indicação das qualidades que a linguagem deve ter. Pureza, lucidez, ornato, propriedade... tudo isto requer elle na dicção. Mas ainda não é bastante esta exigencia generica. A formosura da oração provém de cada uma das palavras, tomadas de per si, ou do tecido e contextura das mesmas no discurso. No primeiro caso (e é este o que ora nos interessa) demora-se Cicero em recommendar severamente que se evite o emprego de palavras desusadas, de innovações dispensaveis, de termos metaphoricos menos racionaes, esclarecendo tudo com exemplos numerosos, grandemente significativos. Se de Cicero passâmos a Horacio, encontrâmos n'este ultimo o mesmo escrupulo, a mesma severidade em pontos de linguagem.

Mas o assumpto demanda mais amplos desenvolvimentos, e d'elles me occuparei depois.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

BELLEZAS DE UMA NAU

No vastissimo imperio de Neptuno não ha objecto mais elegante e soberbo, que uma nau bem fabricada e de todos os seus apparelhos bem provida. Sae do seu porto esta formosa machina nos mastros altiva, nas velas ligeira, nos galhardetes festiva, nos castellos forte, nos canhões e mais armas guerreira, e sem deixar rasto piza as ondas, por todos os rumos obedece aos ventos; não lhe tiram o andar as cordas que a prendem; corre sem cançar ambos os hemispherios; e para em nenhum tempo estar ociosa, serve na paz e na guerra.

D. RAPHAEL BLUTEAU.

1 Vid. a applicação que d'esta circunstancia fez M. Villemain na segunda lição da *Litterattura na edade média.*

1 *A. Gellii Noct. Attic. Comm.* x, 2.

2 *Sermone græco, quamquam alias promptus et facilis, non non tamen usquequaque usus est. etc.*

C. Soetonii Tranquilli Duodecim Cœsares. (Tiberius Nero).